

1. Catherine Tekakwitha, quem és tu? És (1656-1680)? Isso chega? És a Virgem Iroquesa? És o Lírio das Margens do rio Mohawk? Posso amar-te à minha maneira? Eu sou um velho erudito, agora mais bem-parecido do que quando era novo. É o que nos faz à cara termos o cu tremido. Procuro-te, Catherine Tekakwitha. Quero saber o que se passa sob esse manto de rosas. Terei o direito? Apaixonei-me por uma page-la tua. Estavas entre os vidoeiros, as minhas árvores preferidas. Deus sabe a que altura tinhas os *mocassins* enlaçados. Havia um rio atrás de ti, sem dúvida o rio Mohawk. Dois pássaros em primeiro plano, à esquerda, ficariam encantados se lhes fizesses cócegas nos papos brancos ou se os usasses como exemplo de qualquer coisa numa parábola. Terei o direito de te procurar com a cabeça empoeirada, cheia da tralha de talvez cinco mil livros? É que nem sequer vou muitas vezes ao campo. Podias ensinar-me como são as plantas? Sabes alguma coisa sobre cogumelos alucinogénios? Lady Marilyn morreu ainda não há muito tempo. Não será talvez disparatado pensar que daqui a quatrocentos anos, um velho erudito, talvez do meu próprio sangue, a há-de procurar do mesmo modo que eu te procuro. Mas por agora é preciso saber mais sobre o céu. Parece-se com um desses altares de plástico que brilham no escuro? Juro que isso não me incomodava nada. Serão as estrelas pequeninas, afinal? Será que um velho eru-

dito pode enfim encontrar o amor e deixar de bater punhetas todas as noites para conseguir adormecer? Eu já nem sequer detesto os livros. Esqueci-me da maior parte do que li e, francamente, nunca me pareceu que tivesse muita importância para mim ou para o mundo. O meu amigo F. costumava dizer com o seu ar alucinado: temos de aprender a deter-nos corajosamente à superfície. Temos de aprender a amar as aparências. F. morreu na cela acolchoada de um asilo, com os miolos podres de tanto sexo e porcaria. Ficou com o rosto todo negro, que bem vi com os meus próprios olhos, e dizem que não lhe restou grande coisa da picha. Uma enfermeira contou-me que se parecia com as entranhas de uma minhoca. *Salut* F., velho amigo ruidoso! Pergunto-me se hão-de lembrar-se de ti. E tu, Catherine Tekakwitha, se queres saber, sou tão humano que sofro de prisão de ventre, privilégio de uma vida sedentária. Não é de admirar que me tenha afeiçoado aos vidoeiros. Não é de admirar que um velho erudito que nunca ganhou muito dinheiro queira aparecer no teu postal *technicolor*.

2. Sou um reputado etnólogo, uma autoridade nos A...s, uma tribo que de modo nenhum pretendo degradar com o meu interesse. Restam talvez dez A...s puro-sangue, talvez nem tanto, quatro dos quais são raparigas adolescentes. Devo acrescentar que F. se aproveitou do meu estatuto antropológico para as foder às quatro. Velho amigo, saldaste as tuas dívidas. Parece que os A...s, ou melhor, uma parte significativa da tribo, apareceram no século quinze. A sua breve história caracteriza-se por constantes derrotas. O próprio nome da tribo, A...s, é a palavra para cadáver na língua de todas as tribos vizinhas. Não há registo de que este povo desgraçado tenha ganho uma única batalha, ao passo que as canções e lendas dos seus inimigos são um longo grito de triunfo. O interesse que nutro por este rol de fracassos trai a minha natureza.

Quando me pedia dinheiro emprestado, F. costumava dizer: Obrigado, velho A...! Ouves-me, Catherine Tekakwitha?

3. Catherine Tekakwitha, vim para te salvar dos Jesuítas. É verdade, um velho erudito ousa pensar em grande. Não sei o que dizem de ti hoje em dia porque o meu latim está praticamente defunto. «Que le succès couronne nos espérances, et nous verrons sur les autels, auprès des Martyrs canadiens, une Vierge iroquoise — près des roses du martyre le lis de la virginité¹.» Um apontamento de um certo Ed. L., S. J.², escrito em Agosto de 1926. Mas que importa? Quando subir o rio Mohawk, não tenciono levar comigo as velhas guerras da minha vida. Com o devido respeito pela Companhia de Jesus! F. dizia: um homem forte tem de amar a Igreja. Que nos importa, Catherine Tekakwitha, que de ti façam moldes de gesso? Estou actualmente a estudar o projecto de uma canoa em madeira de vidoeiro. Os teus irmãos esqueceram-se de como se constroem. E que mal tem haver uma reprodução em plástico do teu corpinho no *tablier* de todos os taxistas de Montreal? Não vejo nenhum problema. Não faz sentido esconder o amor. Será que existe uma parte de Jesus em todos os crucifixos feitos em série? Acredito que sim! O desejo muda o mundo! O que faz enrubescer o flanco de uma montanha coberta de bordos? Tréguas, oh fabricantes de amuletos santos! Têm nas mãos material sagrado! Estás a ver, Catherine Tekakwitha, o quanto me enlevo? O quanto desejo que o mundo seja místico e bom? Serão as estrelas pequeninas, afinal? Quem nos há-de embalar? Devo conservar as minhas unhas? A matéria é sagrada? Quero que o barbeiro

1 Em francês, no original: Que as nossas esperanças sejam coroadas de sucesso, e veremos sobre o altar, ao lado dos mártires canadianos, uma Virgem iroquesa — junto às rosas do martírio, o lírio da virgindade. (N. T.)

2 A sigla S. J. designa o nome latino *Societatis Jesu* — da Companhia de Jesus. (N. T.)

enterre o meu cabelo. Catherine Tekakwitha, já estás a tratar de mim?

4. Marie de l'Incarnation, Marguerite Bourgeoys, Marie-Marguerite d'Youville talvez me conseguissem excitar se eu fosse capaz de sair de mim próprio. Quero tudo a que tenho direito. F. disse que nunca ouvira falar de uma santa com quem não lhe apetecesse ter fornicado. Que queria ele dizer? F., não me digas que estás enfim a tornar-te profundo. F. disse uma vez: aos dezasseis anos deixei de foder caras. O comentário surgiu em sequência da minha manifestação de repúdio pela sua nova conquista, uma jovem corcunda que ele conhecera de visita a um orfanato. Nesse dia, o tom de voz de F. para comigo era como se eu fosse um eterno coitado; ou talvez ele nem sequer se dirigisse a mim quando murmurou: Quem sou eu para recusar o universo?

5. Foram os Franceses que deram o nome aos Iroqueses. Uma coisa é dar nome aos alimentos, outra é dar nome a um povo, se bem que, hoje em dia, o povo em questão se esteja nas tintas. E se sempre se estiveram nas tintas, tanto pior para mim. Estou obcecado com o fardo das supostas humilhações de povos indefesos, como demonstra a minha vida inteira dedicada aos A...s. Por que me sinto eu tão reles quando acordo pela manhã? Especulando se vou ou não ser capaz de cagar. O meu corpo vai funcionar? As minhas tripas vão conseguir triturar? A velha máquina será capaz de transformar a comida em merda castanha? É de admirar que eu me tenha enterado nas bibliotecas à procura de histórias de vítimas? Vítimas fictícias! Todas as vítimas que não são assassinadas ou presas por nós são vítimas fictícias. Vivo num apartamento num pequeno prédio. Tem-se acesso ao poço do elevador pela subcave. Eu estava no centro da cidade a preparar um ensaio sobre lémures e ela esgueirou-se para o fundo do poço

onde se sentou com os braços de volta dos joelhos dobrados (ou, pelo menos, foi o que a polícia conseguiu apurar da mi-xórdia). Eu chegava a casa todas as noites às vinte para as onze, com a regularidade de Kant. Ela ia dar-me uma bela lição, a minha velha mulher. Tu e as tuas vítimas fictícias, costumava ela dizer. Imperceptível e gradualmente, a sua vida tornara-se cinzenta, porque juro que naquela mesma noite, provavelmente no preciso momento em que ela se enfiava pelo poço, eu alheei-me da pesquisa dos lemingues e fechei os olhos, recordando-me dela jovem e luminosa, com o sol bailando-lhe no cabelo enquanto me fazia um broche numa canoa no lago Orford. Éramos os únicos que vivíamos na subcave, éramos os únicos que comandávamos o pequeno elevador a tais profundidades. Mas não deu lição nenhuma a ninguém, não a lição que queria dar. Um rapaz de entregas de uma churrasqueira fez o trabalhinho sujo porque percebeu mal os números num saco de papel morno. Edith! F. passou a noite comigo. Às quatro da manhã confessou que tinha ido para a cama com Edith umas cinco ou seis vezes durante os vinte anos em que a conhecera. Que ironia! Encomendámos frango da mesma casa e falámos da minha pobre mulher esborrachada, com os dedos gordurosos, molho de churrasco pingando sobre o linóleo. Cinco ou seis vezes, apenas uma boa amizade. Seria eu capaz de olhar do alto de uma santa montanha de experiência, a uma imensa distância do sopé, e inclinar a minha cabeça de chinês, aquiescendo ao seu caso amoroso? Em que é que isso ofendia as estrelas? Seu fodi-lhão de merda, disse eu, quantas vezes, cinco *ou* seis? Ah, sorriu F., a dor torna-nos rigorosos! Que se saiba então que foram os franceses quem chamou Iroqueses aos iroqueses, irmãos de Catherine Tekakwitha. Chamavam-se a si mesmos Hodenosaunee, que significa Povo da Casa Comprida. Tinham introduzido uma nova dimensão nas conversas. Acabavam sempre de falar com a palavra *hiro*, que significa: como